

TATIANNE SILVA SANTOS

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

AS DESCOBERTAS DE LALÊ



TATIANNE SILVA SANTOS

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

AS DESCOBERTAS DE LALÊ

Elias de Pádua Monteiro

Reitor do IF Goiano

Luciano Carlos Ribeiro da Silva

Pró-reitoria de Extensão

Geísa D'Ávila Ribeiro Boaventura

Pró-reitoria de Ensino

Gilson Dourado da Silva

Pró-reitoria de Administração

Ana Maria Rodrigues de Resende

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas

Alan Carlos da Costa

Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Equipe do Núcleo da Editora IF Goiano

Sarah Suzane Bertolli

Coordenadora Editorial

Daiane de Oliveira Silva

Assessora Técnica

Ana Paula Oliveira Sousa

Assessora Editorial

Revisão textual

Bárbara Rayne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Projeto gráfico e diagramação

Bruna Ranyne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Capa

Dhandara Entreportes (Coelum Editorial)

Ilustrações

Criadas com uso de IA generativa no Gemini

Bibliotecária responsável

Daiane de Oliveira Silva

Esta obra é parte dos resultados do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvido pelo Instituto Federal Goiano em parceria com a Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola, vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC).

As atividades de pesquisa, escuta, registro e sistematização de narrativas, experiências e práticas educativas que deram origem a esta obra foram realizadas em consonância com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado nº 7.954.830 e CAAE: 93147625.1.0000.0036

Tatianne Silva Santos

Coordenadora do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

S237g Santos, Tatianne Silva.
As descobertas de Lalê / Tatianne Silva Santos. – 1. ed. – Goiânia: IF Goiano, 2026.
26 p., il.

ISBN (e-book): 978-65-87469-99-7
ISBN (impresso): 978-85-65871-60-0

Coleção literaturas para infâncias

Ilustrações:

1. Literatura infanto juvenil. 2. Ancestralidade Afro-brasileira. 3. Educação Antirracista. 3. Cultura Quilombola. 4. Memória Coletiva. I. Santos, Tatianne Silva. II. IF Goiano. III. Título.

CDU: 82-93:37.014.523(=96)(81)

Ficha elaborada por Daiane de Oliveira Silva – Bibliotecário/CRB 1 nº 2685

Aos negros e às negras.

PREFÁCIO

Há histórias que nascem no papel, e há histórias que florescem da escuta, da convivência e do respeito profundo por quem carrega no corpo e na memória os saberes ancestrais. Este livro não começou com palavras, ele começou com encontros.

Em 2025, atendendo ao chamado da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC), o Instituto Federal Goiano (IF Goiano) respondeu à carta-convide da Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola, com um projeto que se propunha não a ensinar, mas sim a aprender com quem vive, há séculos, a prática da resistência e da coletividade. Assim nasceu o projeto Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais no âmbito das comunidades quilombolas de Goiás.

Nesse solo fértil de formação, pesquisa e diálogo, brotou a investigação “Cultura negra em sala de aula: memórias quilombolas em perspectiva etnográfica para uma educação antirracista”, e, com ela, a vontade de criar narrativas que falassem às crianças, com delicadeza e verdade, sobre os territórios onde vivem, aprendem e sonham. Foi dessa vontade que nasceu o livro *As descobertas de Lalê*.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens que habitam suas páginas são criações literárias, cunhados com o cuidado de quem sabe que a imaginação também é uma forma de conhecimento, mas o que pulsa por trás da narrativa é absolutamente real. Comunidades quilombolas do estado de Goiás foram fonte viva de inspiração. Cada cena, cada diálogo, cada detalhe ilustrado foi tecido a partir dos valores, práticas e memórias partilhadas por seus remanescentes.

A obra celebra o cotidiano como território de aprendizagem. A alimentação feita com afeto, o uso das ervas para curar o corpo

e acalmar a alma, os cantos e as danças que marcam o tempo, a escuta dos mais velhos, o cuidado com a terra, os quintais floridos, a fé que se mistura com a festa – tudo isso compõe o universo que inspirou a construção desta obra.

Durante o processo de formação e pesquisa, visitamos diversas comunidades quilombolas e, em cada uma, aprendemos o valor do tempo compartilhado. No quilombo, a sabedoria não está apenas nos livros – ela está nas mãos, nos gestos, nos silêncios e nos afetos. Está nas calçadas onde se costuram conversas, nos chás preparados com cuidado, nas hortas que alimentam e nos nomes que carregam histórias.

Este livro nasce com o propósito de valorizar a infância quilombola: uma infância que resiste, que sonha, que aprende com o corpo e com a coletividade. Lalê, a protagonista da narrativa, simboliza tantas crianças negras que vivem e crescem em comunidades marcadas pela força, pela ancestralidade e pelo pertencimento. Ao acompanhar seus passos, o leitor é convidado a reconhecer o quanto há de riqueza nos saberes populares e no modo de vida quilombola.

Mais do que um material paradidático, este livro é um gesto de reconhecimento e de afeto. É um presente oferecido às crianças do ensino fundamental I para que vejam suas vivências representadas, e também aos educadores e às educadoras, para que compreendam a potência do território como espaço de formação. É uma semente de memória lançada com o desejo de que floresça o respeito, o orgulho e a valorização da cultura negra e quilombola nas escolas brasileiras.

Nossa gratidão às comunidades quilombolas que abriram suas portas e compartilharam conosco seus saberes e modos de vida. Gratidão à Secadi/MEC, que acreditou nesse processo formativo, e ao IF Goiano, que acolheu o projeto com sensibilidade e compromisso. E, principalmente, gratidão às crianças, que com

seus olhos atentos, suas perguntas curiosas e suas brincadeiras inventivas nos ensinam todos os dias que educar é também aprender a escutar e a cuidar.

Que esta obra caminhe pelas mãos de muitas leitoras e leitores, despertando reflexões, afetos e pertencimentos. E que, ao virar cada página, a memória coletiva continue encontrando caminhos para permanecer viva.

Tatianne Silva Santos



CAPÍTULO 1

DE ONDE VEM A FORÇA

Enquanto a mãe trabalhava, Lalê estava passando as férias na casa da avó Tianinha, como fazia todo ano. Gostava daquele quintal cheio de cheiros, da rede que balançava devagar na varanda e das histórias que pareciam morar nas paredes. Ela era uma menina cheia de perguntas – não daquelas fáceis, de sim ou não, mas daquelas que fazem a gente pensar com o coração, como quem busca uma resposta dentro da própria história. Naquela tarde, sentada no banco de madeira da varanda, ela olhou para a

avó, que trançava folhas de milho com mãos firmes e delicadas, e perguntou com a voz curiosa de quem quer saber de verdade:

— Vó, o que é ser quilombola?

Tianinha parou por um instante. O barulho da rua ficou lá fora, pequeno. O silêncio ali era bonito, como um espaço guardado para a memória. Ela olhou para Lalê com olhos firmes e doces ao mesmo tempo e respondeu devagar, como quem planta palavras na mente:

— Ser quilombola, minha neta, é lembrar de quem veio antes... É carregar no peito o nome dos nossos, mesmo quando a história tentou apagar.

Lalê ficou quietinha. Ela gostava quando a avó começava a narrar, porque contar, para Tianinha, nunca era só falar, era tecer lembrança, era devolver força.

— Teve um tempo, Lalê, que nosso povo não podia escolher onde morar. Não tinha casa certa. Nem terra própria. Nem nome respeitado.

— Era quando a escravidão tinha acabado, mas a liberdade ainda não tinha chegado — completou o vô Zeca, saindo do quintal com as mãos cheias de folhas cheirosas. — Muitos dos nossos ficaram sem nada, só com a coragem e a vontade de recomeçar.

— E foi com essa coragem — continuou a avó — que algumas famílias negras se juntaram aqui, nesse pedaço de chão que chamamos hoje de Vale do Buriti. Foram chegando de mansinho, fazendo roça, criando menino, plantando raiz.

— E aí nasceu nossa comunidade? — perguntou Lalê, com os olhos brilhando.

— Foi nascendo aos poucos — respondeu Vô Zeca —, como nascem as coisas fortes. Primeiro foi amizade, depois foi ajuda mútua, depois foi luta. E, um dia, a gente olhou pra trás, e viu: tínhamos virado comunidade.

— E como ela ganhou o nome de Buritizinho?

A avó abaixou os olhos por um instante. Lalê percebeu que naquele silêncio também havia história.

— Quando as primeiras famílias chegaram aqui — começou Tianinha —, tudo era mato fechado e terra úmida, porém havia uma coisa que chamava atenção: perto de um olho d'água, cresciam vários pés de buriti. Eram ainda pequenos, novinhos, mas fortes. O povo usava a água dali pra beber, lavar roupa, cozinhar... e acabava descansando sempre à sombra daqueles buritis.

Vô Zeca completou:

— O lugar virou ponto de encontro. Era onde o povo conversava, trocava ajuda, combinava mutirão, resolvia as coisas da vida. Quando alguém perguntava onde moravam, respondiam: "Lá pros lados do buritizinho".

A avó sorriu.

— O nome pegou. Primeiro era só referência do caminho, depois virou nome do lugar. E assim nasceu a Comunidade Quilombola Buritizinho – por causa daqueles buritis pequenos que acolheram nosso povo quando eles mais precisavam de chão pra recomeçar.

Lalê apertou os olhos, tentando guardar tudo aquilo dentro do peito.

— Então... ser quilombola é não esquecer?

— É isso, Lalê — disse a avó, colocando a mão no ombro da menina. — É lembrar, mesmo quando o mundo tenta apagar. É viver com dignidade, mesmo quando querem negar. É ser parte de algo maior, que começou antes de nós... que continua com você e com os que virão.

Lá no fundo do quintal, o vento levantou a poeira e soprou nas folhas. Parecia mesmo que os ancestrais tinham ouvido aquela conversa.

Lalê sorriu sozinha. Ela ainda não sabia tudo, mas agora sabia de onde vinha sua força. Lalê apertou os olhos, tentando guardar tudo aquilo dentro do peito.

CAPÍTULO 2

OUVIR A VOZ DOS MAIS VELHOS É COMO OUVIR A RAIZ



Na Comunidade Buritizinho, os dias começam cedo. Depois do café, sempre tem alguém varrendo o terreiro, preparando a comida ou cuidando das plantas do quintal. As casas são cheias de vida! E ali, em cada canto, mora um pouco da história do povo.

Lalê, como faz durante as férias, passa os dias entre a varanda e o quintal, curiosa, prestando atenção em tudo. Naquela manhã, ela vê o vô Zeca cortando banana-da-terra para o almoço. No quintal da casa, não é só comida que cresce: cresce saber. É assim nos quintais de muitos quilombos como o da Comunidade Buritizinho – onde, entre vasos e canteiros, nascem memórias.

Tia Rosa, irmã da avó Tianinha e tia-avó de Lalê, chega cedo para ajudar no preparo do almoço, como faz de vez em quando. Enquanto Tianinha trança folhas de bananeira para forrar o fundo das panelas e envolver o peixe com cheiro de mato bom – um jeito antigo, ensinado por sua mãe –, Tia Rosa descasca mandioca com destreza, sentada no banquinho debaixo do pé de abacate.

Lalê se aproxima devagar.

— Bença, vô.

— Deus te abençoe, meu amor — responde Tianinha, com um sorriso que parece abraço.

— Bença, tia Rosa — diz em seguida, com respeito.

— Deus te abençoe — responde a tia-avó.

— Posso ficar aqui um pouquinho?

— Pode sim, minha flor. Mas se for pra ficar... tem que ouvir.

Lalê se ajeita no chão, perto das pernas da tia-avó. Tia Rosa, que soube pela irmã Tianinha da curiosidade da menina sobre o que é ser quilombola, aproveita aquele momento tranquilo no quintal para partilhar algumas histórias.

Antes de começar, ela olha para o céu por um instante. Fecha os olhos e diz, baixinho, quase como uma reza:

— Peço licença aos meus ancestrais.

Depois, começa. Conta sobre a mãe dela, que nasceu no tempo em que não havia luz elétrica naquele lugar, mas havia roda de conversa todas as noites, e como os conhecimentos são passados de geração a geração. Conta como plantavam, colhiam,

cozinham e falavam das plantas que curam e dos sonhos que avisam.

— Minha mãe dizia que palavra de mais velho é que nem raiz de árvore: fica lá no fundo, mas é ela que segura tudo.

Lalê fica em silêncio. Ela se lembra da avó, do vô Zeca e de outras vozes que, às vezes, falam e ela nem sempre escuta com atenção.

— Aqui na nossa comunidade — continua Tia Rosa — e em muitos quilombos pelo Brasil inteiro, os mais velhos são respeitados. Não é só porque viveram mais, é porque carregam história. Sabem das coisas. Lembram do que o mundo esqueceu.

— E se a gente não escuta... a gente perde?

— Perde, sim, minha filha. Perde o saber, perde o jeito de ser, perde o que veio antes de nós. A palavra contada é a que dura. A palavra escrita pode ser rasgada, mas a palavra lembrada... essa ninguém tira.

Naquela hora, Lalê entende uma coisa bonita: ouvir os mais velhos é como raiz. E raiz não se vê, mas sustenta a árvore inteira. Ela promete, em silêncio, que vai guardar cada história que ouvir. Como se estivesse plantando um jardim por dentro. Porque agora ela sabe: no quilombo, cada voz antiga é uma semente.

CAPÍTULO 3

SABERES QUE CURAM

O sol já passava da metade do céu quando Lalê voltou ao quintal. A avó Tianinha e a Tia Rosa ainda estavam por ali, entre folhas verdes, bacias de barro e um cheiro forte de mato e cuidado.

As mãos das duas mulheres trabalhavam com calma, como quem sabe exatamente o que está fazendo. Lalê se aproximou sem dizer nada, observando.

Tianinha percebeu o olhar curioso da neta e apontou para as folhas que estavam estendidas sobre o pano.

— Estamos preparando um banho de ervas. Um menino ali da rua anda triste, desanimado. Esse banho ajuda a tirar o peso do corpo e do pensamento.

Lalê se abaixou ao lado delas.

— Quais folhas vocês estão usando?

Tia Rosa pegou uma folha escura, de cheiro forte.

— Essa aqui é guiné. A gente usa quando a pessoa está com mau-olhado ou se sentindo muito carregada. Afasta o que faz mal.

— Essa é arruda — continuou Tianinha —, protege o corpo e o espírito. Serve pra banhos e benzimentos. Quando a criança chora muito sem motivo, um banho de arruda ajuda.

— E essa bem verdinha?

— Erva-cidreira, boa pra fazer chá. Acalma quando alguém está nervoso ou com dificuldade de dormir — respondeu Tia Rosa.

— E essa folha grandona aqui?

— É mamona. A gente usa a folha em compressas pra dor no corpo: nas costas, nos joelhos, no braço.

Lalê repetia os nomes em voz baixa, tentando decorar. Guiné, arruda, erva-cidreira, mamona.

— Aqui na comunidade a gente também usa hortelã, alecrim, babosa, saião, mastruz... Cada uma serve pra uma coisa. Pra dor de barriga, machucado, febre, tosse... tem planta pra quase tudo — disse Tia Rosa.

— E vocês aprenderam tudo isso como?

Tianinha sorriu.

— Com a nossa mãe, e ela aprendeu com a mãe dela; e, antes disso, com a avó dela. É assim que o saber vive: passando de uma geração pra outra.

— E eu? — perguntou Lalê, com os olhos brilhando. — Também posso aprender?

— Claro que pode — respondeu Tia Rosa. — É por isso que estamos te mostrando, porque, se você não aprender, quem vai cuidar da próxima geração?

Tianinha recolheu algumas folhas e colocou num pano limpo.

— Esse aqui é pra você. Não é remédio agora, é lembrança pra guardar, pra cuidar e pra ensinar um dia, quando for a sua vez.

— Mas tem que prometer uma coisa — completou Tia Rosa —, sempre que usar uma planta, peça licença, porque folha não é só folha, é vida, é saber, é respeito.

Tianinha fechou os olhos por um instante, como fazia sempre antes de colher ou preparar qualquer planta.

— Com licença, meus ancestrais — murmurou —, que esse saber continue.

Lalê olhou para as folhas e para as mãos da avó. Agora entendia que ali, no meio do quintal, não havia apenas ervas – havia história, havia cuidado, havia amor que se transforma em cura.

E ela prometeu, dentro do coração, que um dia também saberia os nomes, os cheiros, os usos – e que ensinaria tudo de novo, pois, no quilombo, saber o que cura é algo que não pode acabar.

CAPÍTULO 4

FESTA QUE CANTA HISTÓRIA



Era sábado na Comunidade Buritizinho. Desde cedo, o movimento já era outro: fogão à lenha aceso, cheiro de bolo de milho no ar, gente indo e vindo com cadeiras, panelas, panos de mesa coloridos.

— Vai ter festa, vó?

— Vai, sim, meu amor. Hoje é dia de celebrar nossa história — respondeu Tianinha, enquanto amarrava um lenço estampado nos cabelos. — E vai ter congada!

— Congada?

— Você vai ver — disse a avó, com um sorriso de quem já dançou muito na vida.

Ao longo da manhã, o local onde fica a associação foi se enchendo. As mulheres ajeitavam os quitutes: pamonha, arroz com pequi, frango com açafrão, doces de leite e banana. Os homens cuidavam das cadeiras, da música, das tendas. As crianças corriam entre os adultos, animadas.

Pouco depois das três da tarde, um grupo de homens e mulheres vestidos de branco e azul chegou de longe. Eram da cidade de Santo Antônio, convidados especiais daquele ano. Vieram dançar a congada – uma dança antiga, trazida pelos antepassados de África, passada de geração em geração, como oração em movimento.

Lalê ficou na ponta dos pés para enxergar melhor. Os instrumentos começaram: caixas, pandeiros, tambor. O som era firme, ritmado, diferente de tudo que ela conhecia. Quando o grupo começou a dançar, os passos contavam histórias: do rei e da rainha do Congo, da luta, da fé, da liberdade.

Tianinha cochichou no ouvido da neta:

— A congada é dança, mas é também resistência. É jeito de lembrar de onde a gente veio, mesmo quando quiseram que a gente esquecesse.

Lalê ficou com os olhos fixos. Cada batida do tambor parecia bater também dentro do seu peito. A saia rodada da rainha girava devagar, depois rápido, depois parava no tempo certo. Era bonito de ver. Era bonito de sentir.

— E por que a congada veio de Santo Antônio?

— Porque aqui a gente ainda não tem grupo de congada, mas isso não impede de honrar a tradição. A gente convida, recebe, aprende. Quem sabe um dia as crianças daqui, como você, não formam um grupo também?

Mais tarde, Lalê comeu bolo de fubá e ouviu os cantos na rua. Os mais velhos contavam histórias no galpão da associação. As mulheres cantavam em roda. Os homens marcavam o ritmo com palmas. Tudo parecia ter sentido: a comida, o canto, a dança e o sorriso das pessoas.

Em casa, naquela noite, deitada na rede, Lalê fechou os olhos e ainda ouvia o som dos tambores. Entendia agora que uma festa quilombola não é só para se divertir, é para lembrar, agradecer, resistir, ensinar. É para dizer ao mundo, em voz alta: “Nós existimos, nós celebramos, nós seguimos”.

E o mais bonito era saber que, ali, todo mundo tinha lugar.

CAPÍTULO 5

PARTE DE ALGO MAIOR

O domingo amanheceu calmo na Comunidade Buritizinho, com cheiro de café coado e pão de queijo saindo do forno. Depois da festa, a casa ainda guardava os ecos da congada, como se os tambores tivessem deixado seus compassos no ar. Lalê acordou devagar, com o corpo cansado e o coração cheio.

Na varanda, Tianinha e Tia Rosa conversavam baixinho. Mais tarde haveria uma reunião na associação, e quem conduziria seria Dona Sebastiana, presidenta da comunidade. Mulher firme, de olhar atento e fala mansa – era ela quem cuidava dos documentos, das reuniões, das lutas por direitos. Mas também sabia ouvir, acolher, aconselhar. Como muitas mulheres quilombolas, ela cuidava da casa e da comunidade ao mesmo tempo. Era raiz e tronco.

— As mulheres aqui sempre fizeram muito — explicou Tianinha —, mesmo quando o mundo dizia que elas tinham que se calar. Sempre fomos nós: pra curar, pra ensinar, pra liderar, pra resistir.

Lalê ouvia em silêncio. E então entendeu: naquela comunidade, ser mulher era ser pilar, e ser quilombola era ser continuidade.

Mais tarde, na sede da associação, os bancos estavam cheios. Crianças sentadas no chão, homens encostados nas paredes. No centro, Dona Sebastiana começou a falar, lembrou a festa, agradeceu a visita da congada, falou da importância de manter as tradições vivas. E, antes de encerrar, olhou para Lalê com carinho e disse:

— É bonito ver uma menina como você tão interessada em nossas histórias. É por isso que a gente conta, que a gente planta, porque vocês são o amanhã do nosso quilombo.

Naquele instante, o coração de Lalê quase não cabia no peito.

Ela pensou nas mãos da avó trançando folhas, na palavra dos mais velhos, no cheiro das ervas, no som da congada, na lembrança de Buritizinho. Pensou na coragem de quem veio antes e na responsabilidade que agora era dela também.

Ela se levantou, caminhou até o centro do salão e, cheia de verdade, disse:



— Agora eu sei. Ser quilombola... é carregar o que veio antes, cuidar do que é agora e preparar o que vem depois.

Um silêncio bonito se fez e logo em seguida vieram os aplausos – tímidos no início, depois cheios, batendo palma como se fosse abraço.

Naquele dia, Lalê não aprendeu uma coisa nova, ela se reconheceu em algo antigo. Entendeu que não estava sozinha, que não era pequena, que fazia parte de algo maior.

E quando voltou pra casa, antes de dormir, olhou para o céu e sussurrou baixinho:

— Peço licença aos meus ancestrais. Obrigada por me mostrar o caminho, eu vou continuar.

E dormiu sorrindo, porque agora sabia: ser quilombola é resistir, é viver com memória, com coragem e com respeito. É cuidar da vida como quem cuida de um jardim. É andar com os pés no presente e com o coração no tempo dos que vieram antes.

É nunca andar sozinha!

SOBRE A AUTORA

Tatianne Silva Santos é goiana, mãe, pesquisadora e educadora. Dedicar-se ao estudo e à valorização das comunidades quilombolas, atuando na produção de livros paradidáticos e em ações voltadas à educação para as relações étnico-raciais e à educação escolar quilombola, temáticas sobre as quais também pesquisa e publica.

É doutora em Performances Culturais, mestra em Ensino na Educação Básica e especialista em Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Servidora do Instituto Federal Goiano, desenvolve trabalhos e projetos voltados à inclusão, à diversidade étnico-racial e à valorização das memórias e dos saberes das comunidades tradicionais na educação e na literatura.

1º edição Goiânia-GO
Tipografia Inter

EM AS DESCOBERTAS DE LALÊ, TATIANNE SANTOS APRESENTA UMA HISTÓRIA SENSÍVEL E ENVOLVENTE SOBRE INFÂNCIA, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO. DURANTE AS FÉRIAS NA CASA DA AVÓ, NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BURITIZINHO, LALÊ DESCOBRE QUE AS RESPOSTAS MAIS IMPORTANTES NÃO ESTÃO APENAS NOS LIVROS, MAS NAS HISTÓRIAS CONTADAS, NOS GESTOS DO COTIDIANO E NOS SABERES QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES. A CADA CONVERSA, A CADA DESCOBERTA, A MENINA COMEÇA A COMPREENDER O QUE SIGNIFICA SER QUILOMBOLA E DE ONDE VEM A FORÇA DE SEU POVO.

ENTRE QUINTAIS CHEIOS DE VIDA, RODAS DE CONVERSA, SABERES DAS ERVAS, FESTAS TRADICIONAIS E ENSINAMENTOS DOS MAIS VELHOS, LALÊ PERCORRE UM CAMINHO DE RECONHECIMENTO E APRENDIZAGEM. AO LONGO DA NARRATIVA, O LEITOR É CONVIDADO A MERGULHAR EM UM UNIVERSO ONDE A CULTURA, A COLETIVIDADE, A ANCESTRALIDADE E O CUIDADO COM A VIDA CONSTROEM UMA FORMA PRÓPRIA DE ENSINAR E APRENDER, REVELANDO A RIQUEZA DOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS.

DESTINADO AO PÚBLICO INFANTIL, O LIVRO VALORIZA O PROTAGONISMO DE UMA CRIANÇA QUILOMBOLA, COLOCANDO LALÊ NO CENTRO DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA. COM DELICADEZA E SENSIBILIDADE, A OBRA CELEBRA A CULTURA QUILOMBOLA, SEUS SABERES, SUAS MEMÓRIAS E SUAS FORMAS DE EXISTIR, CONVIDANDO AS CRIANÇAS A RECONHECEREM A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE, DO RESPEITO E DA VALORIZAÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS E QUILOMBOLAS.

